

LIGAÇÃO ENTRE O EGO E O PODER UNIVERSAL

Saudações, meus queridíssimos amigos. Que esta palestra possa lhes dar insight e força renovada, a fim de que suas tentativas de encontrar a si mesmos, de descobrir sua posição, sua situação nesta vida, de descobrir a que lugar pertencem, o que são, quem são e como realizar-se, torne-se uma tarefa mais fácil. Que vocês possam encontrar um novo raio de luz através destas palavras. E assim será, se realmente se abrirem aos novos aspectos talvez das mesmas idéias que vocês já ouviram antes, mas que até agora ainda não se tornaram uma verdade pessoalmente experimentada por vocês.

O significado e a realização da vida de uma pessoa dependem inteiramente, em última análise, do relacionamento entre o ego do homem e o princípio universal de vida – o eu real, como também o chamamos. Se este relacionamento é equilibrado, tudo se encaixa. Todas estas palestras lidam com este tópico, de uma forma ou de outra, e eu sempre tento discutir o mesmo assunto de formas diferentes. Isto é necessário a fim de que vocês finalmente experimentem a verdade destas palavras.

Vamos tentar definir, mais uma vez, o que é o princípio universal de vida e como ele se manifesta no homem. O princípio universal de vida é a própria vida. É consciência eterna em seu sentido mais profundo e mais elevado. Ele está se movendo eternamente e é prazer supremo. Já que ele é vida, não pode morrer. Ele é a essência de tudo que respira, se move, vibra. Ele tudo conhece, pois é ele que incessantemente cria, perpetuando a si mesmo, porque não pode ser desleal com sua própria natureza.

Toda consciência individual é consciência universal. Não seria correto declarar que ela é uma parte da consciência universal, porque uma parte seria apenas uma pequena porção dela, um fragmento do todo. Onde quer que exista consciência, ela é toda a consciência original. Esta consciência original, o princípio criativo de vida, se individualiza de diversas formas. Quando a individualização ultrapassa um certo ponto e avança para além do estado de conhecimento de sua conexão com a origem, uma desconexão começa a existir. Assim, a consciência continua a existir e a conter as possibilidades da consciência universal, mas está esquecida de sua própria natureza, de suas leis e potenciais. Este, em resumo, é o estado da consciência humana, como um todo.

Quando o homem começa a se tornar consciente da natureza onipresente do princípio de vida, ele descobre que este sempre esteve lá mas, que não havia notado isto porque estava sob a ilusão de sua existência separada. Portanto, não é inteiramente correto declarar que “o princípio se manifesta”. Seria correto dizer que “o homem começa a notar”. O homem pode notar seu poder onipresente como uma consciência autônoma, ou como energia. A personalidade separada do ego possui ambas, mas a inteligência do ego é muito inferior à inteligência universal que o homem

potencialmente é, quer ele perceba e utilize isto ou não. O mesmo se aplica à energia. Nós voltaremos a isto um pouco mais tarde.

Estes dois aspectos da vida universal não são dois fatores separados, eles são uma unidade. Mas algumas pessoas tendem a ser mais abertas e receptivas a um desses dois aspectos básicos, como percebidos pelo homem, na medida em que tenham mais preconceito ou ignorância com relação ao outro aspecto. Com outras pessoas pode ser justamente o contrário. Ambos precisam ser experimentados quando o eu se realiza.

Uma das características básicas do princípio de vida – seja no seu aspecto de consciência autônoma ou de energia – é a espontaneidade. Ele não pode se manifestar de qualquer outra forma que não seja com espontaneidade. Ele não pode se manifestar como resultado de um processo laborioso direto, derivado de um estado super-concentrado e restrito. Portanto, sua manifestação é sempre um resultado indireto. Ocorre quando é menos esperado. Quando digo “indireto”, quero dizer que o homem precisa, certamente, fazer esforços. Ele precisa vencer a resistência a fim de se encarar na verdade, admitir seus problemas e falhas, dissipar suas ilusões. Isto requer de fato uma grande quantidade de esforço. Ele precisa invocar toda a força e coragem que possa conseguir, em todos os momentos. Mas o esforço precisa ser expandido para que ele consiga ver a verdade sobre si mesmo, para que possa desistir de uma ilusão específica, para que possa superar a barreira que o impede de querer ser construtivo em vez de destrutivo, para que possa ver tudo que é preciso ver sobre si mesmo – e não por causa de um processo ainda teórico, chamado autorrealização, que lhe promete bons sentimentos. Se este último objetivo for arduamente buscado e forçado, ele não poderá se realizar. Ele vem como um subproduto, por assim dizer, apesar de ser tudo que o homem possa almejar alcançar.

Cada passo em direção a ver a verdade sobre o eu, sem qualquer subterfúgio ou autoengano, cada passo em direção a um desejo genuíno de participação construtiva no processo criativo da vida, liberta o eu. Assim, processos espontâneos começam a se manifestar. Eles nunca são volitivos. Portanto, quanto maior o medo do desconhecido, o medo de deixar ir, o medo dos processos volitivos na própria organização corporal, menor será a possibilidade de experimentar manifestações espontâneas do princípio de vida no self. Tais manifestações espontâneas podem ser inspirações de uma sabedoria até então inimaginável para resolver os problemas pessoais, ou para o desenvolvimento dos talentos criativos da pessoa. Ou o princípio de vida pode se manifestar através de uma nova forma de experimentar e sentir a vida, dando um novo sabor a tudo que a pessoa está fazendo ou vendo. É como se uma percepção tivesse despertado interiormente, uma percepção que pensa, sente e experimenta as coisas de uma forma inteiramente nova e vibrante. Ela é sempre segura e sempre traz uma esperança justificada, que nunca será desapontada. Não existe medo nesta nova experiência de vida, nunca. Mas ela não pode acontecer quando for forçada ou empurrada. Ela acontece exatamente na medida em que os processos não-volitivos não sejam mais temidos.

O homem se encontra na posição irônica de, por um lado, ansiar profundamente pela manifestação desses processos não-volitivos, e por outro lado temê-los e lutar contra eles. Este é um conflito terrível e trágico, que só pode ser resolvido quando se abandona o medo. O anseio só pode ser preenchido quando se desiste do medo.

Em última análise, todos os problemas psicológicos vêm deste conflito existencial muito mais profundo, que vai além das neuroses individuais e das dificuldades pessoais que uma criança

experimenta e que mais tarde causam conflitos interiores e conceitos errôneos. Toda vida tenta resolver este conflito existencial básico. Para que isto aconteça, os conflitos neuróticos individuais precisam ser encontrados, compreendidos e resolvidos. O eu precisa aprender a ver e a aceitar a realidade, nele mesmo, nos outros e na vida. A honestidade precisa prevalecer e os pequenos processos de trapaça precisam ser eliminados. Todos os defeitos de caráter precisam ser removidos. E quando digo removidos, quero dizer que o indivíduo precisa reconhecê-los totalmente, e observá-los objetivamente, sem mergulhar no desespero e na negação desses defeitos. Isto em si remove os defeitos de forma infinitamente mais efetiva do que qualquer outra abordagem. Em outras palavras, não é uma questão de primeiro ter que remover os defeitos, a fim de que então algo possa acontecer. É uma questão de ser capaz de silenciosamente se ver no defeito. Então, e só então, a pessoa será capaz de perceber o conflito existencial entre o ego e a consciência universal. Essa consciência universal, que se manifesta espontaneamente, não tem nada a ver com preceitos religiosos de uma deidade longínqua, de uma vida além desta vida física. Estas são interpretações errôneas que chegaram à existência humana como resultado de perceber a verdade deste princípio de força universal disponível de forma bastante imediata. Quando uma pessoa percebe este princípio e tenta, desajeitadamente, transmitir essa experiência àqueles que ainda estão no conflito do ego com o princípio criativo da vida, então o que se segue, forçosamente, são interpretações errôneas, assim como processos espirituais que alienam o homem do eu imediato e da vida prática diária.

Uma pessoa que tem medo desses processos de alienação deve removê-los como uma teoria vaga, destinada a encontrar um ajuste entre o seu anseio, a profunda percepção de possibilidades presentes disponíveis para ela, por um lado, e o seu medo dessas possibilidades, por outro lado. O ajuste é toda a forma de religião formal, que remove Deus do eu e da vida diária; que divide o homem em um ser espiritual e um ser físico; que retira a realização total do agora e a leva para uma vida depois da morte. Todos esses pontos de vista e abordagens da vida não são nada senão um ajuste entre o que a pessoa sente que poderia ser e aquilo que ela teme. Este medo vai além dos medos individuais, pessoais, neuróticos que chegam à vida interior de uma pessoa como resultado de falsos conceitos e experiências traumáticas pessoais que você precisa tornar profundamente conscientes a fim de destituí-las do poder que têm sobre você. Qual é o medo básico de desaparecer-se do ego exterior, a fim de deixar que os processos universais se desdobrem e transportem você? O medo é a falsa concepção de que desaparecendo-se do ego você está desistindo da existência. A fim de alcançar uma compreensão um pouco melhor deste problema, vamos considerar alguns aspectos dos processos pelos quais o ego se formou a partir da vida universal.

A individualização é um aspecto integral deste poder de vida universal. Como a vida está sempre se movendo, se expandindo e se contraindo, encontrando novas áreas de experiência e se ramificando em direção a novas fronteiras, a vida criativa em si não pode ser diferente. Assim, ela sempre encontra novas formas de experimentar a si mesma. Como eu disse antes, quando a individualização separa-se cada vez mais da fonte original em sua própria consciência, quando ela “se esquece”, por assim dizer, da sua essência e se torna esquecida de seus próprios princípios e leis, ela parece uma entidade totalmente separada. Portanto, é bastante compreensível que ela possa se identificar apenas como uma entidade separada. Ela só pode associar existência individual com existência separada. Assim, desistir do seu ego deve parecer para ela como a aniquilação de sua própria individualidade única.

Esta é a posição do ser humano na presente forma. Ele vive sob a ilusão de ser uma existência separada, além de acreditar que somente na existência separada pode a vida – o senso de “Eu Sou” –

ser encontrada. Esta ilusão trouxe a morte para o reino humano, porque a morte nada mais é que a ilusão levada ao cúmulo do absurdo.

A percepção do caráter ilusório de uma existência separada de ego é um passo muito importante na evolução da humanidade. Qualquer tipo de autopercepção traz isto muito claramente ao foco. Na medida em que vocês, como indivíduos, olham para as suas verdades individuais imediatamente disponíveis – que são todos esses padrões e atitudes aparentemente insignificantes que parecem não ter nada a ver com os conceitos metafísicos que estou discutindo aqui, e no entanto estão diretamente relacionados a eles – nessa medida vocês encontrarão a realidade de que vocês e o princípio criativo da vida são um. Vocês então descobrirão que tudo que eu disse aqui não é um ensinamento teórico que você pode, no máximo, considerar com o seu intelecto. É realizável e alcançável bem aqui e agora. Quanto mais você olhar para você mesmo com verdade e deixar cair as ilusões sobre si mesmo, mais você chegará à realidade de que a existência individual não está derrotada quando se permite que os processos não-volitivos do princípio criativo de vida tomem posse e se integrem com as funções do ego.

Alguns de meus amigos começaram a experimentar em si mesmos o imediatismo dessa vida maior, cada vez mais freqüentemente. Eles experimentam uma renovação de energia e se encontram na posição aparentemente paradoxal de experimentar que quanto mais energia dão, mais energia renovada é gerada interiormente. Pois esta é a lei do princípio universal de vida. O estado separado se encontra no modo de vida dualista no qual parece “lógico” que quanto mais se dá, menos se tem, e mais necessitado se fica. Este é o resultado da ilusão de que o ego externo é tudo que forma a individualidade. Esta é a raiz do medo de abandonar as fechadas defesas do ego.

Pelo mesmo motivo, aquele que começa a experimentar esses poderes e energias, também começa a notar, primeiro esporadicamente, mas depois mais e mais freqüentemente, o influxo de uma inteligência inspiradora que parece ser muito mais vasta do que qualquer coisa que ele conheça com seu intelecto externo. E no entanto, em essência, este é o seu “eu melhor”. Primeiro parece ser um poder externo, mas não é. Somente parece ser, porque esses canais estiveram obstruídos já que o indivíduo ignora sua existência, já que ele nem os considera como uma possibilidade, por causa de suas pequenas mentiras pessoais e autoenganos. Essa inteligência mais vasta se manifesta como inspiração, guiança, e uma nova forma de intuição que não vem num vago sentimento, mas em palavras concisas, em conhecimento definido, compreensível, que pode ser traduzido para a vida diária.

A descoberta desta nova vida reconcilia os opostos aparentes de ser um indivíduo único e ser um com todos os outros, sendo uma parte integrante do todo. Estes não são mais opostos irreconciliáveis, mas fatores interdependentes. Todos esses opostos aparentemente alternativas mutuamente excludentes que causam tanta dor ao coração do homem, começam a se encaixar quando o ego se conecta com a vida universal. Quando eu falo de soltar o ego, eu não quero dizer aniquilar o ego, nem mesmo desprezar sua importância, ou deixá-lo de lado. Eu quero dizer que aquilo que se formou como uma parte separada da vida universal, que deve ser encontrada no fundo de si mesmo, e é imediatamente acessível se assim desejado, agora se re-conecta com sua origem. Quando o ego se torna forte o suficiente para se arriscar a confiar em outras faculdades além de sua própria e limitada faculdade, encontrará uma nova segurança, com a qual ele nem poderia ter sonhado. O medo deste novo passo é governado pela idéia de que o ego será esmagado, despencará no vazio e deixará de existir. Este medo é aliviado quando nos agarramos a substâncias psíquicas

imóveis, petrificadas. O imóvel parece seguro; e o movimento parece perigoso. É por isto que se teme a vida, porque a vida é eterno movimento. Quando você descobre que o movimento é seguro porque ele lhe carrega, descobre também a única segurança real que existe. Qualquer outra segurança – confiar e se apoiar no estático – é ilusória e para sempre cria mais medo.

O princípio é o mesmo que aquele que move os planetas, que não caem no espaço. No centro da condição humana sempre repousa o sentimento: “se eu não me agarrar a mim mesmo, coloco em perigo minha vida”. Muitos de meus amigos se tornaram conscientes disto. E uma vez que estejam conscientes, vocês possuem uma importante chave, pois podem considerar a possibilidade disso ser um erro, um engano. Não há nada a temer, você não pode ser esmagado ou aniquilado. Você somente pode ser carregado, como os planetas são carregados no espaço.

Como eu digo freqüentemente, o estado de consciência em que vive a humanidade no momento cria o mundo em que vive, incluindo as leis físicas. O homem está tão acostumado a colocar o efeito na frente da causa. Este é um resultado de seu estado mental dualista, que não pode ver o quadro todo, mas sempre pensa de uma forma dividida. O homem não é colocado nessa esfera, mas essa esfera, com tudo que contém, é uma expressão de seu estado mental geral, de sua soma total. Uma das leis físicas que expressa esse estado de consciência é a lei da gravidade. É uma lei singularmente especial, que pertence a esta esfera dualista de consciência. A lei da gravidade é semelhante, ou expressa no nível físico, a reação emocional e a apreensão de cair e ser esmagado quando o ego está sendo desconsiderado como única forma de existência individual. Esferas de consciência que transcenderam o dualismo deste plano têm leis físicas diferentes, correspondendo à sua consciência global. A ciência humana, mesmo de seu ponto de vista meramente materialista, mostra que é assim. A Ciência do espaço prova isto. No espaço exterior não existe gravidade. Esta não é a única e última realidade. Esta, como muitas outras analogias semelhantes, são mais do que símbolos. São sinais que poderiam alargar o horizonte humano no pensamento e na experiência interna de novos limites de realidade, assim diminuindo seu medo e sua ilusão de ser uma existência isolada.

Como aplicar isto, meus amigos, ao lugar onde vocês estão, a maioria de vocês, em sua busca pelo seu eu real? Isto se conecta imediatamente com o observar as várias camadas de sua consciência. Quanto mais você avança em tornar consciente o material até aqui inconsciente e conseqüentemente em reorientar habilidades reflexas de material previamente inconsciente, mais perto você chega da realidade do princípio de vida universal em você. O princípio de vida universal então se torna mais livre para se expor, e você se torna mais livre de medos, vergonhas e preconceitos, de modo que você pode se abrir para as suas possibilidades. Qualquer um pode corroborar que quanto mais coragem seja reunida para olhar para a verdade de si mesmo - e nada além da verdade - mais fácil se torna conectar-se com uma vida interior mais vasta, mais segura e mais feliz. Quanto mais conectado você está com algo que remove toda incerteza e todo conflito, mais você sentirá uma segurança e uma habilidade de funcionar que você nunca soube que poderia existir em você. Estas são funções de poder, de energia, funções da inteligência que resolve todo conflito e fornece soluções a problemas até então aparentemente insolúveis. Todos os “se” e “mas” da vida prática diária começam a ser removidos – não através de meios mágicos externos, mas através de sua crescente capacidade de lidar com tudo que acontece como uma parte integrante e como um resultado de você mesmo. Mais ainda, você desenvolve uma crescente habilidade de experimentar prazer, como é o seu destino. Na medida em que o homem se desconectou, ele deverá ansiar por esta forma potencial de vida.

Em relação ao que acabei de dizer, meus amigos, existe um fenômeno muito peculiar. Há poucos anos, usei os seguintes termos para descrever certos estados fundamentais, gerais, da personalidade humana: o eu superior, que significa o que discuti aqui, os potenciais reais em todas as pessoas, o fato da vida universal no centro de cada ser humano; o eu inferior, que significa todos os enganos do homem, todos os seus defeitos de caráter, todas as ilusões e fingimentos, toda a sua destrutividade e a forma como ele mancha a sua integridade, tudo em segredo, sempre esperando que nada seja percebido quando ele joga seus pequenos jogos de que “ninguém sabe”, nem mesmo sua consciência externa. Então discuti um terceiro fator, que a princípio chamei de eu-máscara, e mais tarde de eu idealizado. Isto é o fingimento de ser aquilo que se gostaria de ser, ou aquilo que se sente que se deveria ser a fim de ser amado e aprovado.

Temos trabalhado ao longo destes anos para ficar face a face com muitos aspectos desta tríade. Num certo momento falei de um fenômeno freqüente: que o homem fica freqüentemente envergonhado de seu eu superior – do melhor em si mesmo. Discuti, então, que para muitos tipos de personalidade parece vergonhoso, embaraçoso ou humilhante, mostrar o que se tem de melhor, mostrar seus impulsos amorosos e generosos. Para estes tipos de caráter parece muito mais fácil mostrar o seu lado pior. Parece menos embaraçoso.

Hoje posso falar um pouco mais sobre este tópico, num nível mais profundo e mais sutil. Porque este é um ponto muito importante, imediatamente conectado com o medo de, e a resistência a permitir que o eu real se mostre em campo aberto. O que discuti então, simplesmente descrevia um certo fenômeno de certos tipos de personalidade, num nível relativamente superficial. Apesar deste fenômeno estar relacionado com, e influenciado por este outro fenômeno mais profundo e mais sutil que quero discutir agora, não é exatamente o mesmo, pois o tipo de personalidade específico que discuti então sente isto primariamente com relação a boas qualidades, como doação e amor. Parece para ela como se ela cedesse às demandas da sociedade e por isso perdesse a integridade de sua individualidade. Ela teme sua submissão e dependência da boa opinião dos outros, e portanto se sente envergonhada de qualquer impulso genuíno de agradar os outros. Portanto, ela sente mais a “si mesma” quando é hostil, agressiva e cruel.

Todos os seres humanos, independente de seu tipo de personalidade exterior, têm uma reação semelhante com relação ao seu eu real, à realidade do que eles são neste momento. Isto não se aplica somente à bondade, amor e generosidade reais e genuínas, mas também a todos os outros sentimentos e formas de ser. Esta é uma vergonha estranha, um sentimento de embaraço e de exposição com relação ao modo como a pessoa realmente é. É como se a pessoa tivesse que se expor nua. Esta experiência pode ser registrada por qualquer um – e não é a vergonha de seus enganos, desonestidades e destrutividade, nem a vergonha de ser complacente. É um nível completamente diferente, é vergonha de uma qualidade diferente. A única forma em que posso descrevê-la é que aquilo que a pessoa realmente é lhe dá a sensação de estar vergonhosamente nua – independente de ser bom ou ruim. É extremamente importante compreender isto porque explica como são criados os níveis artificiais. Estes níveis artificiais não são resultado exclusivo de concepções errôneas no sentido usual. Quando o centro desnudado de uma pessoa, da forma como ela é agora, é exposto, a personalidade tem menos medo de aniquilação ou perigo, mas fica mais envergonhada. O elemento perigo vem quando o funcionamento exclusivo do ego é abandonado em favor dos processos não-volitivos. A vergonha vem quando se trata de ser o que se é, como se é agora.

Por causa deste sentimento, o homem finge. Novamente, é um tipo diferente de fingimento, não é o tipo que encobre falta de integridade, destrutividade e crueldade. Esse tipo de fingimento, como mencionado antes, é mais profundo, mais sutil. O homem pode fingir as mesmas coisas que ele realmente sente. Ele pode realmente sentir amor, mas mostrar esse amor real pode fazê-lo sentir-se nu. Então ele cria um amor falso. Ele pode realmente sentir raiva, como ele é agora. Mas essa raiva pode fazê-lo sentir-se nu, então ele cria uma falsa raiva. Ele pode realmente sentir tristeza, mas ele se sente mortificado de reconhecer essa tristeza, até para ele mesmo. Então ele cria uma falsa tristeza, que ele pode facilmente mostrar para os outros. Ele pode realmente experimentar prazer, mas isto, também, é humilhante de se expor. Então ele cria um falso prazer. Vocês agora entenderão a conexão entre esta palestra e a anterior, quando falei da intensificação artificial e da dramatização das emoções. Isto se aplica até a elementos como a confusão e o embaraço. O sentimento real parece deixá-lo nu e exposto, então ele cria um falso, freqüentemente na mesma área. As emoções são sutilmente falsificadas. Esta falsificação aparece como uma roupa protetora que ninguém, além dele mesmo (em seu eu mais profundo, e freqüentemente inconsciente), conhece. Mas a “roupa protetora” o anestesia contra a vibração e animação da vida. Tais imitações constroem uma tela entre ele e seu centro de vida. Isto, também, o separa da realidade, pois é a realidade do seu ser que ele não pode suportar e se sente compelido a imitar, falsificando sua própria existência. O fluxo contínuo de vida parece perigoso, não apenas no que concerne à sua segurança, mas também no que diz respeito ao seu orgulho e dignidade. Mas tudo isto é uma ilusão trágica e total. Da mesma forma em que o homem só pode encontrar a verdadeira segurança quando se une com a fonte de toda a vida dentro dele, assim também ele só encontra sua dignidade quando supera a vergonha de ser real – seja lá o que isto signifique naquele momento. Algumas vezes o medo de aniquilação parece um mal menor do que o estranho sentimento de vergonha e de estar exposto que advém do ser real. Reconhecer esta vergonha e não deixá-la de lado como inconseqüente, é um passo enorme, meus amigos. É a chave para um sentimento de adormecimento que causa desespero e frustração. É a chave para um tipo específico de autoalienação e desconexão. É algo que não se pode traduzir em linguagem racional porque não há nada que você possa dizer que distinga o real do falso em meras palavras. As palavras são as mesmas para o real e o falso, somente o sabor da experiência e a qualidade do ser é que são diferentes. Os sentimentos de imitação são freqüentemente sutis. Eles estão tão profundamente enraizados, eles se tornaram tão firmemente uma segunda natureza, que é preciso uma grande quantidade de abandono profundamente sentido, e de se deixar ser, e de se deixar sentir, e de usar o discernimento naquilo que você descobrir, antes que você possa se tornar agudamente consciente da aparente nudez e exposição que os sentimentos reais causam em você. A imitação sutil não somente reproduz sentimentos outros ou opostos àqueles que você registra, mas também, e com a mesma freqüência, reproduz sentimentos idênticos. O passo seguinte é, então, a intensificação, que serve como um substituto e como uma medida para fazer com que o falso pareça real.

Qualquer pessoa que entre em contato pela primeira vez com o centro de vida universal que ele é, só pode fazer isto quando for real – seja lá o que for que isto signifique agora. Portanto, antes que esta experiência seja possível, a pessoa deve encontrar este fenômeno de vergonha e nudez. Encontrar este eu real momentâneo está longe de ser algo “perfeito”. Esta não é uma experiência dramática, mas é um ponto crucial. Porque aquilo que você é agora contém todas as sementes, todos os potenciais, todo o material de que você pode um dia precisar a fim de viver de forma profunda e vibrante. Aquilo que você é agora, já é agora esse poder de vida universal. Todo o poder e possibilidade concebíveis estão contidos nela. E no entanto você é o que é agora. Aquilo que você é

agora não é vergonhoso por causa de seus defeitos, é muito mais vergonhoso (parece para você) em sua realidade imediata, existencial que parece tão nua. Quando você tem coragem para ser o que você é, então uma nova vida, uma nova abordagem para sua própria vida interior pode começar; depois disso todo o fingimento desmorona. Isto se aplica aos fingimentos óbvios, visíveis e crus, que geralmente podem ser vistos por todos menos pela própria pessoa, e também aos fingimentos sutis que acabei de descrever. Eles se colocam entre o ego e o eu universal. Eles formam uma tela fina mas firme, que bloqueia a força doadora de vida. Eles são responsáveis pela alienação do princípio universal. Eles criam a fenda aparentemente perigosa e intransponível entre o ego e o poder universal. Eles são responsáveis por esse medo e essa vergonha ilusórios. Essa vergonha é tão básica quanto os medos responsáveis pelos falsos conceitos e pela divisão da individualidade. Ela cria seus próprios medos e se origina de alguns medos, mas não é exatamente a mesma coisa que os próprios medos.

A vergonha da própria nudez com relação ao seu eu, como ele é agora, é o profundo simbolismo na história de Adão e Eva. A nudez da realidade é o paraíso. Pois quando a nudez não é mais negada, uma nova existência de êxtase pode começar, exatamente aqui e agora, e não numa outra vida ou no além. Mas é preciso alguma aclimatação depois que a pessoa se tornou consciente de sua vergonha. É preciso um caminho dentro do Caminho, a fim de se tornar mais e mais consciente das sutilezas envolvidas aqui, e do hábito, em que se está imerso, de acobertar a própria nudez interior. Como é fácil voltar aos hábitos antigos! Mas uma vez que você preste atenção a isto e invoque repetidamente os poderes disponíveis a você, a fim de notar que está se escondendo e com vergonha e aprender a se desnudar, então você finalmente sairá de sua concha protetora e se tornará mais real. Você será o seu eu desnudado, como você é agora, não melhor do que você é, não pior do que você é, e também não diferente do que você é. Você vai parar com as imitações, os sentimentos e modos de ser falsificados, e vai se aventurar no mundo da forma como você é.

Alguma pergunta com relação a esta palestra?

PERGUNTA: Como você pode determinar se seus sentimentos são reais ou fingidos?

RESPOSTA: A única pessoa que pode determinar isso é você mesmo, fazendo uma sondagem séria, e antes de tudo considerando a possibilidade de que esses sentimentos possam ser fingidos, e não se assustando com isso. Pois o homem se aterroriza com o pensamento de que seus sentimentos sejam falsos – mesmo que seja de uma forma muito sutil. Ele tem medo de que se esses sentimentos não forem reais então ele não tenha sentimentos. Ele teme seu próprio vazio. E este medo é muito devastador. Ele exerce uma pressão sutil para se continuar fingindo. Mas existe sempre um ponto interno onde você diz: “Não, eu não quero sentir.” Quer isto venha da infância e de experiências pessoais traumáticas, quer esteja conectado com o problema humano mais profundo aplicado a todos os indivíduos, como discutido nesta palestra. Deve haver sempre uma determinação de não sentir. Esta determinação é em geral totalmente inconsciente, de forma que a pessoa está desconectada dela e desamparada quanto ao resultado, que certamente, é a ausência de sentimentos. O terror é infinitamente maior quando o eu consciente, que quer os sentimentos, ignora esse lado do eu que teme os sentimentos. Pois o terror de ser incapaz de sentir não se compara a nenhum outro. Portanto, é de uma ajuda enorme perceber que ninguém em si mesmo é destituído de sentimentos, e que esses sentimentos não podem nunca morrer permanentemente. A vida e os sentimentos são um, onde existe um, deve existir o outro, mesmo que esteja desativado no momento. Saber disto torna possível sair na busca interior: “onde decidi não sentir?” No momento em que você se tornar

agudamente consciente disto, consciente do seu medo de sentir, você deixará de ter medo de não ter sentimentos. É, então, possível reativar os sentimentos com a ajuda da razão, através de uma avaliação realista e racional das circunstâncias.

Eu lhes dei muitas coisas para pensar aqui. Esta é uma grande quantidade de material, que vocês podem frutíferamente utilizar na continuação de seu pathwork. Da próxima vez, na sessão de perguntas e respostas, poderemos discutir problemas mais pessoais, talvez também com relação a esta palestra.

Sejam abençoados todos vocês. Que sejam bem sucedidos seus esforços para se tornarem reais, para ter a coragem aparentemente necessária para se tornar nuamente reais, sem qualquer cobertura falsa. Vocês não podem deixar de ser bem sucedidos se realmente quiserem isso. Aquele que não progredir, não crescer e não se liberar é porque não deseja isso – e é importante saber disto – e encontrar a voz interna que se recusa a progredir. Que todas as suas camadas falsas possam cair porque isto é o que vocês querem e decidem. Vocês então descobrirão a glória de viver. Estejam em paz, estejam em Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.